



## **DA ESTÉTICA AO SOFRIMENTO PSÍQUICO: A BANALIZAÇÃO DAS INTERVENÇÕES CORPORAIS NA ERA DAS REDES SOCIAIS**

Weon Suk Her<sup>1</sup>, Francisca Josieny Alves Menezes<sup>2</sup>



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2026v12n1p639-684>

Artigo recebido em 8 de Março e publicado em 8 de Junho de 2026

### **REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA**

#### **RESUMO**

A crescente valorização da aparência física na contemporaneidade, intensificada pela expansão das redes sociais e pela cultura digital, tem contribuído para a consolidação de padrões estéticos idealizados e amplamente difundidos, influenciando significativamente a construção da autoimagem, da autoestima e dos processos de pertencimento social. Nesse contexto, observa-se a progressiva banalização das intervenções estéticas, associada à naturalização de procedimentos corporais, ao uso crescente de recursos farmacológicos voltados à modificação da aparência e à ampliação dos mecanismos de validação social mediados por plataformas digitais. O presente estudo tem como objetivo analisar criticamente as consequências psicopatológicas da banalização estética na sociedade contemporânea, discutindo suas relações com a medicalização da aparência, os processos de comparação social, a influência das redes sociais e os impactos sobre a saúde mental. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura fundamentada em referenciais da psiquiatria social, psicologia social, sociologia do corpo e medicina estética. A análise dos estudos evidencia que a exposição contínua a padrões corporais idealizados favorece o desenvolvimento de insatisfação corporal, fragilidade da autoestima, dependência de validação externa, hipervigilância da aparência e maior vulnerabilidade a transtornos relacionados à imagem corporal, incluindo o transtorno dismórfico corporal, transtornos alimentares, sintomas ansiosos e depressivos. Ademais, observa-se que a crescente popularização de procedimentos estéticos minimamente invasivos, preenchimentos dérmicos, toxina botulínica e agonistas dos receptores GLP-1/GIP-GLP-1 ultrapassa, em muitos casos, finalidades estritamente terapêuticas, passando a integrar dinâmicas socioculturais relacionadas ao reconhecimento simbólico, à aceitação social e à busca por adequação estética. Conclui-se que a banalização da estética constitui fenômeno complexo e multifatorial, capaz de repercutir significativamente sobre a saúde mental individual e coletiva, exigindo abordagens interdisciplinares que integrem aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais na compreensão contemporânea da relação entre corpo, identidade e sofrimento psíquico.

**Palavras-chave:** saúde mental; redes sociais; transtorno dismórfico corporal; procedimentos estéticos; psiquiatria social; medicalização.



# From Aesthetics to Psychological Suffering: The Trivialization of Body Interventions in the Age of Social Networks

## ABSTRACT

The increasing emphasis on physical appearance in contemporary society, intensified by the expansion of social networks and digital culture, has contributed to the consolidation of idealized and widely disseminated aesthetic standards, significantly influencing the construction of self-image, self-esteem, and processes of social belonging. In this context, we observe the progressive trivialization of aesthetic interventions, associated with the naturalization of bodily procedures, the growing use of pharmacological resources aimed at modifying appearance, and the expansion of social validation mechanisms mediated by digital platforms. This study aims to critically analyze the psychopathological consequences of aesthetic trivialization in contemporary society, discussing its relationships with the medicalization of appearance, processes of social comparison, the influence of social networks, and the impacts on mental health. This is a narrative literature review based on references from social psychiatry, social psychology, sociology of the body, and aesthetic medicine. Analysis of the studies shows that continuous exposure to idealized body standards favors the development of body dissatisfaction, fragile self-esteem, dependence on external validation, hypervigilance of appearance, and greater vulnerability to body image disorders, including body dysmorphic disorder, eating disorders, anxiety and depressive symptoms. Furthermore, it is observed that the increasing popularity of minimally invasive aesthetic procedures, dermal fillers, botulinum toxin, and GLP-1/GIP-GLP-1 receptor agonists often goes beyond strictly therapeutic purposes, becoming integrated into sociocultural dynamics related to symbolic recognition, social acceptance, and the pursuit of aesthetic adequacy. It is concluded that the trivialization of aesthetics constitutes a complex and multifactorial phenomenon, capable of significantly impacting individual and collective mental health, requiring interdisciplinary approaches that integrate biological, psychological, social, and cultural aspects in the contemporary understanding of the relationship between body, identity, and psychological suffering.

**Keywords:** mental health; social media; body dysmorphic disorder; cosmetic procedures; social psychiatry; medicalization.

**Instituição afiliada** – Faculdade Santa Teresa, Manaus - AM, Brasil<sup>1</sup>, Faculdade Metropolitana de Manaus (FAMETRO), Manaus - AM, Brasil<sup>2</sup>

**Autor correspondente:** Weon Suk Her [weonsukher@gmail.com](mailto:weonsukher@gmail.com)

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





## INTRODUÇÃO

A crescente valorização da aparência física constitui um dos fenômenos socioculturais mais marcantes da contemporaneidade. Impulsionada pela expansão das redes sociais digitais, pela cultura da imagem e pelos mecanismos de validação social mediados por plataformas virtuais, a estética passou a ocupar posição central na construção da identidade, da autoestima e dos processos de pertencimento social. Nesse contexto, padrões corporais idealizados são amplamente difundidos e frequentemente internalizados como referenciais de sucesso, atratividade e reconhecimento social, influenciando significativamente a forma como os indivíduos percebem a si mesmos e aos outros (BAUMAN, 2001; BOURDIEU, 1983; DEBORD, 1997).

A literatura demonstra que a exposição contínua a imagens editadas, filtradas e cuidadosamente selecionadas favorece processos persistentes de comparação social, contribuindo para o desenvolvimento de insatisfação corporal, fragilidade da autoestima e sofrimento emocional (FESTINGER, 1954; THOMPSON et al., 1999). Sob essa perspectiva, a aparência física deixa de representar apenas uma característica individual e passa a assumir papel estratégico na obtenção de reconhecimento simbólico e aceitação coletiva, especialmente em ambientes digitais marcados pela intensa circulação de imagens e pela valorização da performance estética (HAN, 2015; LIPOVETSKY, 2009).

Paralelamente, observa-se crescente popularização de procedimentos estéticos minimamente invasivos, como aplicação de toxina botulínica, preenchimentos dérmicos e harmonização facial, além da expansão do uso de agonistas dos receptores GLP-1 e GIP/GLP-1 para fins relacionados à perda ponderal e adequação estética (CARRUTHERS; CARRUTHERS, 1998; URDIALES-GÁLVEZ et al., 2018; WHO, 2025). Embora essas intervenções possuam importantes aplicações terapêuticas, sua crescente banalização suscita discussões acerca dos impactos psicológicos, éticos e sociais decorrentes da medicalização da aparência e da transformação do corpo em objeto permanente de otimização.



Nesse cenário, ganham destaque condições psiquiátricas relacionadas à imagem corporal, especialmente o Transtorno Dismórfico Corporal (TDC), caracterizado por preocupação excessiva e persistente com defeitos físicos mínimos ou inexistentes, frequentemente associada a sofrimento psíquico significativo e prejuízo funcional (APA, 2022; PHILLIPS, 2005). Estudos demonstram que indivíduos acometidos por esse transtorno apresentam alterações no processamento perceptivo da própria imagem e elevada procura por procedimentos estéticos, os quais raramente promovem melhora duradoura dos sintomas (FEUSNER et al., 2010; VEALE; NEZIROGLU, 2010).

Diante dessas transformações, torna-se fundamental compreender as relações entre estética, cultura digital e saúde mental. Assim, o presente estudo tem como objetivo analisar criticamente as consequências psicopatológicas da banalização das intervenções estéticas na sociedade contemporânea, discutindo suas interfaces com a medicalização da aparência, os mecanismos de comparação social, a construção da autoestima e os impactos sobre a saúde mental individual e coletiva.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, de caráter descritivo e exploratório, realizada com o objetivo de analisar criticamente as relações entre a banalização das intervenções estéticas contemporâneas e seus impactos sobre a saúde mental.

A busca bibliográfica foi realizada nos indexadores Google Scholar, Scopus e Web of Science, utilizando combinações dos descritores e unitermos: “saúde mental”, “imagem corporal”, “autoestima”, “transtorno dismórfico corporal”, “procedimentos estéticos”, “harmonização facial”, “toxina botulínica”, “preenchimentos dérmicos”, “redes sociais”, “comparação social”, “medicalização da aparência”, “GLP-1”, “semaglutida”, “tirzepatida” e “body dysmorphic disorder”.

Foram incluídos artigos científicos, livros, documentos institucionais e diretrizes nacionais e internacionais publicados preferencialmente nos últimos 20 anos,



disponíveis integralmente em português, inglês ou espanhol, que abordassem aspectos psicológicos, psiquiátricos, sociológicos e clínicos relacionados à estética corporal e à saúde mental. Obras clássicas de relevância teórica para a compreensão dos fenômenos estudados, como as contribuições de Bourdieu, Bauman, Debord, Foucault, Festinger e Goffman, foram mantidas independentemente da data de publicação devido à sua importância conceitual.

Foram excluídos estudos que não apresentavam relação direta com a temática proposta, trabalhos duplicados, publicações sem respaldo científico ou que não contribuíssem para a discussão dos aspectos psicossociais, psiquiátricos e culturais envolvidos na banalização estética contemporânea.

A análise dos dados ocorreu por meio de leitura crítica e interpretação temática das publicações selecionadas, permitindo a construção de uma discussão interdisciplinar fundamentada em referenciais da psiquiatria social, psicologia social, sociologia do corpo, neurociências e medicina estética.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **1 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA ESTÉTICA E A CULTURA DA VALIDAÇÃO**

A compreensão contemporânea da estética corporal ultrapassa concepções estritamente biológicas ou individuais, configurando-se como fenômeno profundamente influenciado por processos históricos, culturais, econômicos e sociais. Ao longo das diferentes épocas, os padrões de beleza assumiram significados distintos, refletindo valores coletivos e estruturas de poder específicas de cada contexto sociocultural. Dessa forma, aquilo que é socialmente reconhecido como belo não representa uma característica universal ou imutável, mas uma construção dinâmica continuamente remodelada pelas transformações da sociedade.



Nesse contexto, a intensa ampliação das práticas estéticas corporais observada nas últimas décadas reflete a continuidade histórica de padrões normativos relacionados à aparência física, atualmente potencializados pela influência dos meios digitais. Conforme destacam Silva e Cibils (2026), a mídia e as redes sociais exercem papel fundamental na disseminação de ideais estéticos frequentemente apresentados como tendências contemporâneas, embora representem reformulações de referenciais historicamente construídos e socialmente legitimados. Conseqüentemente, a beleza corporal passa a assumir função que ultrapassa a dimensão da aparência, tornando-se importante marcador de pertencimento social, reconhecimento simbólico e validação interpessoal.

A ascensão das plataformas digitais ampliou significativamente a velocidade e o alcance desses processos. Diferentemente dos meios de comunicação tradicionais, as redes sociais permitem exposição contínua a imagens cuidadosamente selecionadas, frequentemente editadas e associadas a representações idealizadas da realidade. Como resultado, indivíduos de diferentes faixas etárias, gêneros e contextos socioculturais passam a conviver diariamente com modelos corporais altamente padronizados, favorecendo a internalização de expectativas estéticas frequentemente inalcançáveis.

Sob essa perspectiva, a aparência física deixa progressivamente de representar apenas uma característica individual e passa a constituir importante forma de capital simbólico. Pierre Bourdieu, em sua obra *Distinction: A Social Critique of the Judgement of Taste*, descreve como determinados atributos socialmente valorizados funcionam como mecanismos de diferenciação e reconhecimento coletivo. Aplicada ao contexto contemporâneo, essa compreensão permite interpretar o corpo como instrumento de construção identitária e posicionamento social, no qual a adequação aos padrões estéticos vigentes pode influenciar percepções relacionadas ao sucesso, aceitação e pertencimento.

De maneira complementar, Bauman (2001), ao abordar o conceito de modernidade líquida, destaca a crescente instabilidade dos referenciais identitários contemporâneos. Em um cenário marcado pela fluidez das relações sociais e pela constante necessidade de adaptação, a aparência física passa a ocupar posição



privilegiada enquanto elemento de reconhecimento imediato. Consequentemente, a busca pela conformidade estética torna-se cada vez mais associada à tentativa de inserção social e redução das inseguranças produzidas pela instabilidade característica da sociedade contemporânea.

Essa transformação também reflete uma mudança significativa na própria concepção de estética. Tradicionalmente vinculada à reflexão filosófica acerca do belo, da sensibilidade e da experiência humana, a estética contemporânea passa a ser progressivamente reduzida à materialização corporal de padrões idealizados. Nesse processo, intervenções físicas, modificações corporais e procedimentos estéticos assumem papel central como instrumentos de aproximação aos modelos amplamente legitimados no ambiente digital, deslocando a percepção da beleza de uma dimensão subjetiva para uma lógica predominantemente performática e mercadológica.

Dessa forma, a construção social da estética contemporânea evidencia que a aparência física não pode ser compreendida apenas como expressão individual, mas como fenômeno profundamente influenciado por mecanismos coletivos de validação social. A partir dessa perspectiva, torna-se necessário compreender de que maneira os processos de comparação social, a formação da autoimagem e a busca por reconhecimento coletivo contribuem para a emergência de vulnerabilidades emocionais e psicopatológicas associadas à experiência corporal na contemporaneidade.

## 2 REDES SOCIAIS, COMPARAÇÃO SOCIAL E FORMAÇÃO DA AUTOIMAGEM

A consolidação das redes sociais como principal meio contemporâneo de interação, comunicação e exposição da imagem transformou profundamente os processos de construção da identidade e da percepção corporal. Diferentemente dos meios tradicionais de comunicação, as plataformas digitais possibilitam contato contínuo com conteúdos visuais cuidadosamente selecionados, editados e frequentemente associados a representações idealizadas da realidade. Nesse cenário, a



aparência física assume posição central na dinâmica de reconhecimento social, ampliando a influência dos padrões estéticos sobre a forma como os indivíduos percebem a si mesmos e interpretam sua inserção no meio social.

A compreensão desse fenômeno pode ser fundamentada pela Teoria da Comparação Social, proposta por Leon Festinger, segundo a qual os indivíduos tendem a avaliar suas capacidades, características e atributos pessoais a partir da comparação com outras pessoas. Na ausência de parâmetros objetivos de autoavaliação, os sujeitos recorrem aos referenciais disponíveis em seu ambiente social para construir percepções acerca de seu próprio valor, competência e pertencimento coletivo. Embora esse processo constitua mecanismo inerente à experiência humana, a ampliação exponencial das interações digitais intensificou significativamente sua frequência e impacto psicológico.

Nesse contexto, as redes sociais favorecem a exposição contínua a corpos, estilos de vida e padrões de aparência frequentemente idealizados, produzindo um ambiente propício à internalização de expectativas estéticas seletivas e, muitas vezes, inalcançáveis. Como consequência, a comparação interpessoal deixa de ocorrer predominantemente entre indivíduos pertencentes ao mesmo contexto sociocultural e passa a envolver referenciais globais amplamente influenciados por celebridades, influenciadores digitais e figuras de elevada relevância midiática. Tal dinâmica contribui para o fortalecimento de sentimentos de inadequação, insatisfação corporal e fragilidade da autoimagem.

Corroborando essa perspectiva, Thompson et al. (1999) destacam que a exposição repetida a padrões corporais idealizados favorece a internalização de referenciais estéticos capazes de influenciar diretamente a satisfação corporal e a percepção subjetiva da aparência. Dessa forma, a imagem corporal passa a ser construída não apenas a partir da percepção individual do corpo, mas também da interpretação que o sujeito desenvolve acerca da forma como acredita ser percebido socialmente.



Sob esse viés, Mann et al. (2004) descrevem a imagem corporal como uma construção biopsicossocial complexa, influenciada simultaneamente por fatores biológicos, emocionais, cognitivos e socioculturais. Conseqüentemente, alterações na percepção corporal podem repercutir significativamente sobre a autoestima, as relações interpessoais e o bem-estar psicológico. À medida que a aparência física se torna importante critério de reconhecimento social, observa-se maior vulnerabilidade a sentimentos de insegurança, inadequação e sofrimento emocional, especialmente entre indivíduos emocionalmente suscetíveis.

De maneira complementar, a Teoria da Objetificação, desenvolvida por Barbara Fredrickson e Tomi-Ann Roberts, contribui para compreender os mecanismos pelos quais os indivíduos passam a internalizar uma perspectiva externa sobre seus próprios corpos. Segundo essa abordagem, a constante exposição a padrões estéticos socialmente valorizados favorece a adoção de uma postura de monitoramento contínuo da aparência, fenômeno caracterizado pela autoconsciência corporal exacerbada e pela hipervigilância estética. Nesse processo, o corpo deixa de ser experienciado prioritariamente como parte integrante da subjetividade e passa a ser observado como objeto passível de avaliação constante.

A intensificação desses mecanismos produz repercussões que transcendem a esfera da aparência física. A necessidade permanente de monitorar, corrigir e aperfeiçoar aspectos corporais favorece estados persistentes de ansiedade, insegurança e preocupação excessiva com a imagem, além de contribuir para o desenvolvimento de comportamentos compulsivos relacionados à busca por aceitação social. Paralelamente, a valorização da exposição digital amplia a associação entre aparência física e reconhecimento interpessoal, fortalecendo a crença de que a adequação estética constitui requisito indispensável para sucesso, pertencimento e validação coletiva.

Dessa forma, as redes sociais não apenas ampliam a circulação dos padrões estéticos contemporâneos, mas também atuam diretamente na construção da autoimagem e da percepção de valor pessoal. A constante interação entre comparação social, objetificação corporal e necessidade de aprovação coletiva cria condições favoráveis ao desenvolvimento de vulnerabilidades emocionais que podem repercutir



sobre a autoestima e a saúde mental. Nesse sentido, torna-se fundamental compreender como a dependência de validação externa influencia a construção da identidade e contribui para a emergência de sofrimento psíquico na contemporaneidade.

### 3 AUTOESTIMA, VALIDAÇÃO EXTERNA E VULNERABILIDADE PSÍQUICA

A autoestima constitui uma das dimensões centrais da experiência subjetiva humana, influenciando diretamente a forma como os indivíduos percebem a si mesmos, interpretam suas capacidades e estabelecem relações interpessoais. De acordo com Kernis (2005 apud Hutz; Zanon, 2011), a autoestima pode ser compreendida como o componente avaliativo do autoconceito, correspondendo ao conjunto de percepções, crenças e sentimentos direcionados ao próprio indivíduo. Sob essa perspectiva, indivíduos com autoestima preservada tendem a apresentar maior estabilidade emocional, melhor adaptação social e maior capacidade de lidar com experiências de rejeição, frustração e adversidade.

Segundo Heatherton e Wyland (2003 apud Hutz; Zanon, 2011), a autoestima elevada associa-se à percepção de competência, pertencimento e valor pessoal, favorecendo relações interpessoais mais seguras e maior bem-estar psicológico. Entretanto, a consolidação das redes sociais como importante espaço de interação humana promoveu transformações significativas nos processos de construção do valor individual. Nesse contexto, a percepção de mérito, aceitação e reconhecimento passou a sofrer influência crescente de mecanismos externos de validação, especialmente aqueles mediados por curtidas, comentários, compartilhamentos e indicadores públicos de aprovação social.

Como consequência, observa-se uma progressiva substituição de referenciais internos de valor por mecanismos dependentes da aprovação coletiva. A autoestima deixa de ser construída predominantemente a partir da relação do sujeito consigo mesmo e passa a depender, em maior ou menor grau, da resposta recebida do ambiente social. Tal fenômeno favorece o desenvolvimento de estruturas emocionais mais



vulneráveis, caracterizadas por oscilações frequentes do humor, insegurança interpessoal e necessidade contínua de reconhecimento externo.

Essa compreensão contrapõe-se ao modelo proposto por Nathaniel Branden em *The Six Pillars of Self-Esteem*, no qual a autoestima saudável é fundamentada em processos relacionados à autoconsciência, autoaceitação, autorresponsabilidade, autoafirmação, intencionalidade e integridade pessoal. Segundo essa perspectiva, o valor individual não deve ser condicionado predominantemente à aprovação de terceiros, mas construído a partir da capacidade do sujeito de reconhecer suas limitações, compreender suas emoções, agir de maneira coerente com seus princípios e desenvolver uma relação autêntica consigo mesmo. Todavia, a cultura digital contemporânea frequentemente fragiliza esses pilares ao associar reconhecimento social e valor pessoal à visibilidade, à performance e à adequação estética.

Sob a ótica da psicologia social, essa dinâmica favorece o fortalecimento da dependência de validação externa, fenômeno caracterizado pela necessidade persistente de aprovação interpessoal para manutenção da autoestima. Nesses casos, o indivíduo passa a utilizar o julgamento alheio como principal parâmetro para avaliar sua aparência, competência e relevância social. Conseqüentemente, experiências comuns de rejeição, crítica ou ausência de reconhecimento podem desencadear sofrimento emocional desproporcional, intensificando sentimentos de inadequação, inferioridade e fracasso pessoal.

Paralelamente, avanços recentes nas neurociências permitem compreender os mecanismos biológicos envolvidos nesses processos. A obtenção de aprovação social ativa circuitos cerebrais relacionados à recompensa, particularmente estruturas associadas à neurotransmissão dopaminérgica, como o sistema mesolímbico. Tais circuitos participam da antecipação do prazer, da motivação e do aprendizado por reforço, desempenhando papel fundamental na repetição de comportamentos percebidos como recompensadores.

Nesse sentido, Anna Lembke, em sua obra *Nação Dopamina*, descreve como a sociedade contemporânea passou a operar sob uma lógica de busca contínua por



recompensas rápidas, acessíveis e altamente estimulantes. Segundo a autora, a exposição repetida a estímulos recompensadores produz adaptações neurobiológicas capazes de aumentar progressivamente a necessidade de novas fontes de prazer e validação. Aplicada ao contexto das redes sociais, essa compreensão sugere que mecanismos de aprovação digital podem funcionar como reforçadores comportamentais, incentivando a repetição de padrões de exposição, monitoramento da imagem e busca constante por reconhecimento coletivo.

Paradoxalmente, embora a validação externa possa produzir satisfação momentânea, sua dependência tende a associar-se ao aumento da vulnerabilidade emocional. À medida que a autoestima passa a depender predominantemente de fatores externos e instáveis, o indivíduo torna-se mais suscetível a sentimentos de ansiedade, insegurança e frustração. Dessa forma, o que inicialmente se apresenta como mecanismo de fortalecimento da autoimagem pode evoluir para um ciclo persistente de insatisfação, comparação social e sofrimento psicológico.

Nesse cenário, autoestima, validação social e percepção corporal configuram fenômenos profundamente interdependentes. A crescente centralidade da aparência física na construção da identidade contemporânea favorece a associação entre aceitação social e adequação estética, criando condições propícias para o desenvolvimento de sofrimento psíquico relacionado à autoimagem. Assim, compreender os mecanismos que sustentam essa vulnerabilidade torna-se fundamental para analisar as repercussões psicopatológicas da banalização estética e suas implicações para a saúde mental na contemporaneidade.

#### 4 CONSEQUÊNCIAS PSICOPATOLÓGICAS DA BANALIZAÇÃO ESTÉTICA

##### **4.1 Ansiedade, Hipervigilância da Aparência e Sofrimento Psíquico**



Entre as consequências psicopatológicas mais frequentemente associadas à banalização estética contemporânea, destacam-se os transtornos relacionados à ansiedade e aos estados persistentes de hipervigilância corporal. Embora a preocupação com a aparência constitua fenômeno presente em diferentes contextos históricos e culturais, a intensificação da exposição digital e a crescente valorização da imagem ampliaram significativamente o impacto psicológico desses processos, favorecendo a emergência de padrões de monitoramento constante da própria aparência e de preocupação excessiva com a avaliação social.

Sob a perspectiva da Teoria da Comparação Social, proposta por Festinger, a exposição contínua a indivíduos percebidos como mais atraentes ou socialmente valorizados favorece processos recorrentes de autoavaliação negativa. Nas redes sociais, entretanto, tais comparações ocorrem em um ambiente marcado pela seleção criteriosa de imagens, edição digital e apresentação de versões idealizadas da realidade. Como consequência, o indivíduo frequentemente estabelece comparações assimétricas, utilizando como parâmetro corpos e estilos de vida que não representam experiências cotidianas reais, mas construções cuidadosamente elaboradas para maximizar aceitação e engajamento.

Corroborando essa compreensão, Thompson et al. (1999) descrevem que a internalização de padrões corporais idealizados constitui importante fator de risco para o desenvolvimento de insatisfação corporal e sofrimento emocional. À medida que a discrepância entre o corpo real e o corpo idealizado aumenta, intensificam-se sentimentos de inadequação, vergonha e insegurança relacionados à aparência física. Tais fenômenos podem favorecer estados persistentes de ansiedade, particularmente em situações que envolvem exposição social ou percepção de julgamento interpessoal.

A Teoria da Objetificação, desenvolvida por Fredrickson e Roberts, oferece importante contribuição para a compreensão desses mecanismos. Segundo as autoras, a internalização do olhar externo leva os indivíduos a adotarem uma postura de monitoramento contínuo do próprio corpo, fenômeno denominado auto-objetificação. Nesse processo, o sujeito passa a direcionar parcela significativa de seus recursos cognitivos para a observação, avaliação e correção de aspectos relacionados à aparência



física. Como resultado, surgem estados de hipervigilância corporal caracterizados por preocupação constante com defeitos percebidos, desconforto relacionado à exposição da imagem e aumento da sensibilidade a críticas ou rejeições.

Sob a ótica clínica, a hipervigilância da aparência pode ser compreendida como manifestação de um estado persistente de alerta relacionado à avaliação social. A literatura demonstra que indivíduos excessivamente preocupados com a própria imagem frequentemente apresentam níveis elevados de ansiedade antecipatória, especialmente em contextos que envolvem interação interpessoal, exposição pública ou comparação social. Dessa forma, o corpo deixa de representar apenas uma dimensão da identidade e passa a constituir fonte permanente de preocupação emocional.

Adicionalmente, a cultura digital contemporânea favorece a amplificação desses processos por meio dos mecanismos de validação social descritos por Anna Lembke. Segundo a autora, ambientes estruturados em torno de recompensas rápidas e estímulos constantes promovem ciclos repetitivos de busca por aprovação e reconhecimento. Aplicado ao contexto da aparência física, esse modelo sugere que curtidas, comentários positivos e demonstrações de aceitação social funcionam como reforçadores comportamentais capazes de aumentar a dependência psicológica da validação externa. Consequentemente, a ausência dessa validação pode desencadear sentimentos de ansiedade, insegurança e insuficiência pessoal.

De maneira complementar, Bauman (2001) argumenta que a instabilidade característica da modernidade líquida contribui para a fragilidade dos referenciais identitários contemporâneos. Nesse cenário, a aparência física passa a ocupar posição privilegiada enquanto elemento de reconhecimento imediato e construção do pertencimento social. Tal dinâmica intensifica a pressão pela manutenção de determinados padrões corporais e favorece o desenvolvimento de estados persistentes de preocupação relacionados à adequação estética.

Assim, a banalização da estética não apenas modifica comportamentos relacionados à aparência, mas também produz repercussões significativas sobre o funcionamento emocional dos indivíduos. A interação entre comparação social, auto-



objetificação, dependência de validação externa e instabilidade identitária cria condições favoráveis para o surgimento de sintomas ansiosos, hipervigilância corporal e sofrimento psíquico persistente. Sob essa perspectiva, a ansiedade relacionada à aparência deve ser compreendida não apenas como manifestação individual, mas como expressão de fenômenos socioculturais amplamente difundidos na contemporaneidade.

#### **4.2 Depressão, Autoestima e Sofrimento Psíquico**

A relação entre aparência física, autoestima e sofrimento emocional constitui um dos aspectos mais relevantes para a compreensão das repercussões psicopatológicas associadas à banalização estética contemporânea. Embora a busca por satisfação corporal possa representar experiência legítima e potencialmente benéfica em determinados contextos, a internalização de padrões estéticos rígidos e frequentemente inalcançáveis favorece o desenvolvimento de sentimentos persistentes de inadequação, fracasso e autodepreciação. Nesse cenário, a discrepância entre a imagem corporal percebida e os modelos socialmente idealizados pode tornar-se importante fator de vulnerabilidade para o surgimento de sintomas depressivos.

De acordo com Kernis (2005 apud Hutz; Zanon, 2011), a autoestima corresponde à dimensão avaliativa do autoconceito, englobando percepções, crenças e sentimentos direcionados ao próprio indivíduo. Dessa forma, a maneira como o sujeito interpreta seu valor pessoal influencia diretamente sua estabilidade emocional, suas relações interpessoais e sua capacidade de enfrentar situações adversas. Quando essa percepção encontra-se excessivamente vinculada à aparência física ou à aprovação social, torna-se particularmente suscetível às oscilações decorrentes da comparação interpessoal e da validação externa.

Sob essa perspectiva, Heatherton e Wyland (2003 apud Hutz; Zanon, 2011) destacam que indivíduos com autoestima fragilizada apresentam maior vulnerabilidade a sentimentos de rejeição, inadequação e inferioridade. Em ambientes marcados pela



intensa exposição a padrões corporais idealizados, tais experiências tendem a ser amplificadas, favorecendo interpretações negativas acerca da própria aparência e do próprio valor pessoal. Como consequência, a insatisfação corporal deixa de representar apenas desconforto relacionado à imagem física e passa a influenciar dimensões mais amplas da identidade e do funcionamento psicológico.

Essa compreensão aproxima-se das reflexões propostas por Nathaniel Branden em *The Six Pillars of Self-Esteem*. Segundo o autor, a autoestima saudável fundamenta-se em processos internos relacionados à autoaceitação, autoconsciência, autorresponsabilidade e coerência entre valores e comportamentos. Entretanto, na cultura contemporânea, observa-se crescente deslocamento desses referenciais para mecanismos externos de reconhecimento. Assim, o valor pessoal passa a ser frequentemente condicionado ao grau de aceitação social, à visibilidade digital e à capacidade de aproximação dos padrões estéticos socialmente legitimados.

A persistência desse modelo favorece a construção de um ciclo contínuo de insatisfação. À medida que a autoestima passa a depender predominantemente da aparência física, qualquer percepção de inadequação corporal pode ser interpretada como evidência de fracasso pessoal ou inferioridade social. Conseqüentemente, sentimentos de tristeza, desânimo, baixa autoconfiança e desesperança tornam-se mais frequentes, especialmente em indivíduos submetidos a comparações constantes e expostos a elevados níveis de pressão estética.

Mann et al. (2004) ressaltam que a imagem corporal constitui uma construção biopsicossocial complexa, influenciada simultaneamente por fatores emocionais, cognitivos e socioculturais. Dessa forma, alterações na percepção corporal não permanecem restritas à aparência física, mas repercutem diretamente sobre a autoestima, o bem-estar psicológico e a qualidade de vida. Quando associadas a processos persistentes de comparação social e autocrítica, essas alterações podem contribuir para o desenvolvimento de sofrimento psíquico significativo e para a emergência de sintomas compatíveis com transtornos do humor.



Sob o ponto de vista neurocomportamental, os mecanismos descritos por Anna Lembke contribuem para compreender parte dessa dinâmica. Em uma sociedade estruturada em torno da busca contínua por recompensas rápidas e validação constante, a satisfação obtida por meio da aprovação estética tende a ser transitória. Assim como ocorre em outros comportamentos mediados por reforço, a obtenção de reconhecimento social produz alívio momentâneo, mas frequentemente é seguida pela necessidade de novas fontes de validação. Como resultado, estabelece-se um ciclo de busca incessante por aperfeiçoamento corporal que raramente produz satisfação duradoura.

Paradoxalmente, quanto maior a dependência da validação externa para sustentar a autoestima, maior tende a ser a vulnerabilidade ao sofrimento emocional. Nesse contexto, a ausência de reconhecimento, a percepção de inadequação estética ou a incapacidade de atingir determinados padrões corporais podem desencadear sentimentos persistentes de fracasso, inutilidade e desvalorização pessoal. Tais experiências apresentam importante relevância clínica, uma vez que constituem elementos frequentemente observados em quadros depressivos e em diferentes formas de sofrimento psíquico relacionadas à autoimagem.

Adicionalmente, estudos contemporâneos têm demonstrado associação consistente entre insatisfação corporal, baixa autoestima e sintomas depressivos, especialmente em populações submetidas a intensa exposição digital. Embora essa relação não seja necessariamente causal, a literatura sugere que a internalização de padrões estéticos idealizados pode atuar como importante fator de manutenção do sofrimento emocional, contribuindo para a perpetuação de sentimentos negativos acerca de si mesmo e dificultando a construção de uma identidade baseada em referenciais internos de valor.

Dessa forma, a banalização estética ultrapassa a esfera da aparência física e passa a influenciar diretamente a saúde mental dos indivíduos. Ao associar reconhecimento social, pertencimento e valor pessoal à conformidade com determinados padrões corporais, a cultura contemporânea favorece condições propícias ao desenvolvimento de sofrimento psíquico, fragilidade da autoestima e



sintomas depressivos. Sob essa ótica, compreender a interação entre imagem corporal e transtornos do humor torna-se fundamental para a análise crítica das consequências psicopatológicas associadas à estetização crescente da vida social.

#### **4.3 Transtorno Dismórfico Corporal: Quando a Insatisfação se Torna Patológica**

Embora a preocupação com a aparência física constitua experiência relativamente comum na população geral, existe um limiar a partir do qual a insatisfação corporal deixa de representar uma manifestação normativa da autopercepção e passa a configurar um quadro psicopatológico clinicamente relevante. Nesse contexto, destaca-se o Transtorno Dismórfico Corporal (TDC), condição psiquiátrica caracterizada por preocupação excessiva, persistente e desproporcional com defeitos físicos inexistentes ou mínimos, frequentemente imperceptíveis para outras pessoas. Conforme descrito no DSM-5-TR (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2022), o transtorno integra o espectro obsessivo-compulsivo e correlato, sendo marcado pela presença de pensamentos intrusivos relacionados à aparência e por comportamentos repetitivos destinados à redução da ansiedade, como verificações constantes no espelho, comparação excessiva com terceiros, busca recorrente por validação estética e tentativas de camuflagem corporal.

Diferentemente da insatisfação estética habitual, o sofrimento presente no TDC não decorre necessariamente de alterações anatômicas objetivas, mas da forma como a própria imagem é percebida e interpretada pelo indivíduo. Estudos neurobiológicos demonstram que pacientes acometidos pelo transtorno apresentam alterações no processamento visual e na integração perceptiva da autoimagem, caracterizadas por hiperatenção a detalhes específicos e prejuízo da percepção global do corpo e da face (FEUSNER et al., 2010). Como consequência, pequenas assimetrias fisiológicas ou características corporais normais passam a ser interpretadas como deformidades graves, gerando sofrimento psíquico persistente. Evidências também apontam para alterações nos circuitos córtico-estriado-tálamo-corticais e em sistemas



serotoninérgicos semelhantes aos observados no transtorno obsessivo-compulsivo, reforçando a natureza neuropsiquiátrica da condição (SAXENA; RAUCH, 2000; VEALE; NEZIROGLU, 2010).

A relevância clínica do TDC torna-se ainda mais evidente quando analisada sua prevalência em contextos relacionados à modificação da aparência. Embora estudos populacionais estimem prevalência em torno de 1,7% a 2,4% da população geral, taxas significativamente superiores são observadas entre pacientes que procuram dermatologistas, cirurgiões plásticos e serviços de medicina estética (CORORVE; GLEAVES, 2001; PHILLIPS, 2005). Tal fenômeno sugere que a busca por intervenções cosméticas frequentemente representa tentativa de aliviar sofrimento emocional associado à distorção da autoimagem, e não necessariamente uma demanda estética objetiva.

A compreensão desse processo ultrapassa os limites da psiquiatria biológica e exige diálogo com referenciais sociológicos e psicológicos contemporâneos. A Teoria da Comparação Social proposta por Festinger auxilia na compreensão de como a exposição contínua a padrões corporais idealizados favorece avaliações negativas da própria aparência. De maneira complementar, a Teoria da Objetificação de Fredrickson e Roberts descreve como a internalização do olhar externo favorece estados persistentes de automonitoramento corporal. Na sociedade contemporânea, marcada pela hiperexposição digital, esses mecanismos tornam-se particularmente intensos. Segundo Han (2015), o indivíduo passa a vivenciar uma exigência permanente de otimização de si mesmo, enquanto Debord (1997) argumenta que as relações sociais tornam-se progressivamente mediadas pela imagem. Nesse cenário, a aparência corporal converte-se em importante instrumento de reconhecimento social, pertencimento e validação identitária.

As redes sociais ampliam significativamente essa dinâmica. A popularização de filtros digitais, softwares de edição e recursos de inteligência artificial deu origem ao fenômeno denominado “Snapchat Dysmorphia” ou “Dismorfia do Instagram”, no qual indivíduos passam a desejar reproduzir corporalmente versões digitalmente aperfeiçoadas de si mesmos (RAJANALA; MAYMONE; VASHI, 2018). Como resultado, a



discrepância entre o corpo real e a representação virtual idealizada pode intensificar sentimentos de inadequação e contribuir para a consolidação de padrões patológicos de insatisfação corporal. Estudo recente conduzido por Ateq, Alhajji e Alhusseini (2024) demonstrou associação significativa entre o uso intensivo de redes sociais, o desenvolvimento de sintomas dismórficos e atitudes favoráveis à realização de procedimentos estéticos.

Sob uma perspectiva sociológica mais ampla, Bourdieu (1983) descreve o corpo como forma de capital simbólico capaz de produzir reconhecimento e status social. Paralelamente, Bauman (2001) argumenta que a modernidade líquida transformou a identidade em um projeto permanente de construção e reconstrução. Nessa conjuntura, a aparência física deixa de representar apenas uma característica individual e passa a constituir importante marcador social. Como consequência, indivíduos vulneráveis podem desenvolver relação progressivamente mais dependente da validação estética externa, fragilizando estruturas internas de autoestima e autoaceitação. Esse processo também dialoga com as reflexões de Anna Lembke (2022), que descreve a sociedade contemporânea como marcada pela busca incessante por recompensas rápidas e validação constante, mecanismos amplamente reforçados pelas plataformas digitais.

Além do sofrimento relacionado à autoimagem, o TDC apresenta elevadas taxas de comorbidades psiquiátricas, incluindo transtornos depressivos, transtornos de ansiedade, ansiedade social, transtornos alimentares e dismorfia muscular (GUNSTAD; PHILLIPS, 2003; RUFFOLO et al., 2006). Particularmente preocupante é sua associação com ideação suicida e tentativas de suicídio, consideradas entre as mais elevadas da psiquiatria contemporânea (PHILLIPS et al., 2005). Esses achados reforçam que o transtorno não pode ser interpretado como mera expressão de vaidade ou preocupação excessiva com a aparência, mas como condição clínica potencialmente grave, incapacitante e associada a importante sofrimento psíquico.

Consequentemente, a literatura demonstra que intervenções estéticas isoladas raramente promovem melhora duradoura quando a origem do sofrimento encontra-se relacionada à distorção cognitiva da autoimagem. Em muitos casos, observa-se apenas



deslocamento da preocupação para outras regiões corporais ou surgimento de novas fontes de insatisfação (PHILLIPS, 2005). Por essa razão, as diretrizes internacionais recomendam abordagem multidisciplinar baseada principalmente na associação entre Terapia Cognitivo-Comportamental e farmacoterapia com inibidores seletivos da recaptação de serotonina, estratégias que apresentam melhores evidências de eficácia para redução dos sintomas obsessivo-compulsivos e melhora da funcionalidade global (NICE, 2005; VEALE; NEZIROGLU, 2010).

Dessa maneira, o TDC representa uma das expressões mais significativas das consequências psicopatológicas associadas à banalização estética contemporânea. Sua manifestação resulta da interação complexa entre vulnerabilidades neurobiológicas, processos cognitivos, influências socioculturais e mecanismos de validação social amplificados pelas redes digitais. Assim, compreender o TDC exige ultrapassar interpretações centradas exclusivamente no indivíduo e reconhecer que a construção contemporânea da autoimagem ocorre em um contexto marcado pela hiperestetização, pela mercantilização do corpo e pela crescente transformação da aparência em critério de valor social.

#### **4.4 Transtornos Alimentares e a Busca pelo Corpo Ideal**

Os transtornos alimentares figuram entre as manifestações psicopatológicas mais frequentemente associadas à insatisfação corporal e à internalização de padrões estéticos idealizados. Embora possuam etiologia multifatorial, envolvendo fatores biológicos, psicológicos, familiares e socioculturais, a literatura científica demonstra que a percepção negativa da própria imagem corporal constitui importante elemento na gênese e manutenção dessas condições. Nesse sentido, a crescente valorização da magreza e da aparência física na contemporaneidade contribui para a construção de contextos favoráveis ao desenvolvimento de comportamentos alimentares disfuncionais e de sofrimento psíquico relacionado ao corpo.



Historicamente, os ideais de beleza sofreram transformações significativas ao longo do tempo. Entretanto, nas últimas décadas, observa-se a consolidação de um modelo corporal fortemente associado à magreza, à definição muscular e à redução de sinais visíveis de envelhecimento. A ampla disseminação desses referenciais por meio da mídia e das redes sociais favorece a internalização de expectativas frequentemente incompatíveis com a diversidade biológica existente na população. Como consequência, indivíduos que percebem distância entre sua aparência real e os modelos socialmente valorizados tornam-se mais suscetíveis ao desenvolvimento de sentimentos persistentes de inadequação corporal.

Sob a perspectiva da Teoria da Comparação Social de Festinger, a exposição contínua a imagens idealizadas favorece processos recorrentes de autoavaliação negativa. Em ambientes digitais, tais comparações tornam-se ainda mais intensas devido à constante presença de fotografias editadas, filtros, recursos de manipulação de imagem e representações altamente selecionadas da realidade. Dessa forma, a percepção corporal passa a ser construída a partir de parâmetros frequentemente irreais, contribuindo para o fortalecimento da insatisfação com o peso, com a composição corporal e com características físicas naturais.

Corroborando essa compreensão, Thompson et al. (1999) destacam que a internalização de padrões corporais idealizados constitui um dos principais fatores associados à insatisfação corporal e ao desenvolvimento de comportamentos voltados à modificação da aparência. Nesse contexto, dietas restritivas, jejuns prolongados, exercícios físicos excessivos e outras estratégias de controle corporal podem ser inicialmente percebidos como mecanismos de aproximação dos ideais estéticos vigentes. Contudo, em indivíduos vulneráveis, tais comportamentos podem evoluir para quadros clínicos caracterizados por sofrimento significativo e importante prejuízo funcional.

Entre os transtornos alimentares mais estudados destacam-se a Anorexia Nervosa, a Bulimia Nervosa e o Transtorno de Compulsão Alimentar Periódica. A Anorexia Nervosa caracteriza-se por restrição persistente da ingestão alimentar, intenso medo de ganho de peso e distorções significativas da imagem corporal. Já a Bulimia



Nervosa envolve episódios recorrentes de compulsão alimentar seguidos por comportamentos compensatórios inadequados, como vômitos autoinduzidos, uso abusivo de laxantes ou prática excessiva de exercícios físicos. Por sua vez, o Transtorno de Compulsão Alimentar Periódica caracteriza-se pela ocorrência de episódios recorrentes de ingestão excessiva de alimentos acompanhados de intenso sofrimento emocional, porém sem a presença regular de comportamentos compensatórios.

Embora apresentem manifestações clínicas distintas, essas condições compartilham importante relação com a insatisfação corporal e com a influência dos padrões estéticos contemporâneos. Conforme descrito por Leal, Catrib, Amorim e Montagner (2010), os limites entre corpo e subjetividade tornam-se progressivamente fragilizados em contextos marcados pela intensa valorização da aparência física. Nessa lógica, o corpo deixa de ser compreendido apenas como dimensão biológica e passa a constituir importante marcador de reconhecimento social, pertencimento e valor pessoal. Consequentemente, a busca pela adequação estética pode assumir caráter compulsivo, favorecendo práticas potencialmente prejudiciais à saúde física e mental.

A Teoria da Objetificação, proposta por Fredrickson e Roberts, também contribui para a compreensão dos transtornos alimentares ao demonstrar como a internalização do olhar externo favorece estados persistentes de monitoramento corporal. Indivíduos submetidos a esse processo tendem a desenvolver maior preocupação com peso, forma corporal e aparência física, frequentemente avaliando seu próprio valor a partir da capacidade de corresponder às expectativas estéticas socialmente estabelecidas. Tal dinâmica favorece sentimentos de vergonha corporal, ansiedade relacionada à aparência e maior vulnerabilidade a comportamentos alimentares disfuncionais.

Sob a ótica da psiquiatria social, a expansão dos transtornos alimentares não pode ser dissociada das transformações socioculturais que redefiniram a relação contemporânea com o corpo. Conforme discutido por Bourdieu, a aparência física passou a representar importante forma de capital simbólico, influenciando processos de reconhecimento e diferenciação social. Simultaneamente, Bauman descreve uma sociedade marcada pela fluidez das identidades e pela constante necessidade de adaptação às expectativas coletivas. Nesse cenário, o corpo transforma-se em projeto



permanente de aperfeiçoamento, submetido a exigências contínuas de modificação e controle.

Adicionalmente, a crescente medicalização do emagrecimento evidencia novas formas de enfrentamento da insatisfação corporal. O desenvolvimento de terapias farmacológicas altamente eficazes para redução de peso, como os agonistas dos receptores de GLP-1 e GIP/GLP-1, representa importante avanço terapêutico para o tratamento da obesidade. Contudo, a ampla divulgação dessas medicações nas redes sociais e sua associação a promessas de transformação estética rápida suscitam importantes reflexões acerca do risco de reforço de padrões corporais excludentes e da intensificação de comportamentos relacionados à busca compulsiva pela magreza.

Dessa forma, os transtornos alimentares constituem importante expressão das repercussões psicopatológicas associadas à banalização estética contemporânea. Ao evidenciarem a interação entre fatores biológicos, emocionais e socioculturais, essas condições demonstram como a internalização de ideais corporais pode influenciar profundamente a relação dos indivíduos com a alimentação, com o próprio corpo e com sua identidade. Assim, a compreensão desses fenômenos torna-se indispensável para a análise crítica das transformações contemporâneas relacionadas à imagem corporal e à saúde mental.

#### **4.5 Dependência de Validação Externa, Circuitos de Recompensa e a Busca Incessante pela Aprovação Social**

A crescente centralidade da aparência física na construção da identidade contemporânea não apenas influencia a percepção corporal e a autoestima, mas também modifica os mecanismos pelos quais os indivíduos buscam reconhecimento, pertencimento e satisfação subjetiva. Nesse contexto, a validação social assume papel progressivamente mais relevante na regulação emocional, favorecendo o desenvolvimento de padrões comportamentais marcados pela necessidade contínua de



aprovação externa. Tal fenômeno apresenta especial importância para a compreensão das consequências psicopatológicas da banalização estética, uma vez que conecta fatores socioculturais, psicológicos e neurobiológicos envolvidos na construção da autoimagem.

Sob a perspectiva da psicologia social, a necessidade de pertencimento constitui característica fundamental da experiência humana. Entretanto, a expansão das redes sociais digitais transformou significativamente os mecanismos pelos quais essa necessidade é satisfeita. Diferentemente das interações presenciais, os ambientes digitais oferecem formas rápidas, quantificáveis e continuamente acessíveis de reconhecimento social, expressas por meio de curtidas, comentários, compartilhamentos e métricas públicas de aprovação. Como consequência, aspectos relacionados à aparência física passaram a ocupar posição privilegiada na obtenção de reforço social e reconhecimento interpessoal.

A Teoria da Comparação Social de Festinger contribui para compreender parte desse processo ao demonstrar que os indivíduos tendem a avaliar seu próprio valor a partir da observação de outras pessoas. No ambiente digital, entretanto, a comparação ocorre em condições particulares, caracterizadas pela exposição constante a versões idealizadas da realidade. Assim, a percepção de inadequação corporal pode ser continuamente reforçada pela observação de indivíduos que aparentam corresponder de maneira mais eficiente aos padrões estéticos socialmente valorizados. Tal dinâmica favorece a intensificação da dependência da aprovação externa como mecanismo compensatório para sentimentos de insegurança e insuficiência.

Do ponto de vista neurobiológico, a obtenção de reconhecimento social está associada à ativação de circuitos cerebrais relacionados à recompensa, especialmente estruturas pertencentes ao sistema mesolímbico dopaminérgico. Esse sistema participa de processos fundamentais relacionados à motivação, aprendizado por reforço e antecipação de recompensas. Quando determinado comportamento produz consequência percebida como positiva, aumenta a probabilidade de sua repetição futura. Nesse sentido, manifestações de aprovação social podem funcionar como estímulos reforçadores capazes de influenciar significativamente padrões



comportamentais relacionados à exposição da imagem e à busca por reconhecimento interpessoal.

A médica psiquiatra Anna Lembke, em sua obra *Nação Dopamina*, descreve como a sociedade contemporânea passou a operar sob uma lógica marcada pela busca constante por estímulos altamente recompensadores. Segundo a autora, o acesso contínuo a fontes rápidas de prazer promove adaptações neurobiológicas que favorecem ciclos repetitivos de busca por novas recompensas. Embora inicialmente associadas à sensação de satisfação, essas experiências tendem a produzir efeitos cada vez menos duradouros, aumentando progressivamente a necessidade de novas fontes de reforço.

Aplicada ao contexto da aparência física, essa compreensão permite interpretar a validação estética como um processo potencialmente autorreforçador. A obtenção de aprovação social após a publicação de fotografias, a realização de procedimentos estéticos ou a aproximação de determinados padrões corporais pode gerar sensação temporária de satisfação emocional. Entretanto, tal satisfação frequentemente apresenta caráter transitório, sendo seguida pela necessidade de novas formas de reconhecimento. Como consequência, estabelece-se um ciclo no qual a busca por validação tende a tornar-se contínua e progressivamente mais intensa.

Essa dinâmica apresenta semelhanças com mecanismos observados em diferentes formas de dependência comportamental. Embora não se trate de dependência química propriamente dita, observa-se a presença de elementos relacionados à antecipação da recompensa, monitoramento frequente de estímulos reforçadores e persistência do comportamento apesar da redução progressiva da satisfação obtida. Nesse cenário, a aparência física deixa de representar apenas uma característica individual e passa a constituir importante fonte de regulação emocional e reconhecimento subjetivo.

Sob a ótica sociológica, Bauman descreve a modernidade líquida como um período caracterizado pela fragilidade dos vínculos sociais e pela instabilidade das referências identitárias. Em contextos marcados pela incerteza e pela constante



necessidade de adaptação, a aparência física emerge como uma das formas mais imediatas de obtenção de reconhecimento social. Conseqüentemente, o corpo transforma-se em projeto permanente de aperfeiçoamento, submetido a processos contínuos de monitoramento, modificação e avaliação pública.

De maneira complementar, Bourdieu compreende a aparência física como importante forma de capital simbólico capaz de influenciar processos de inclusão, reconhecimento e distinção social. Nesse contexto, a busca por procedimentos estéticos, transformações corporais e adequação aos padrões vigentes não se limita à satisfação individual, mas também reflete tentativas de obtenção de vantagens simbólicas e pertencimento social. Tal fenômeno contribui para a manutenção de ciclos de insatisfação corporal e reforça a percepção de que o valor pessoal depende diretamente da aparência física.

Paradoxalmente, quanto maior a dependência da validação externa, menor tende a ser a estabilidade da autoestima. Como os critérios de aceitação social são frequentemente instáveis, transitórios e influenciados por fatores externos, o indivíduo permanece exposto a estados recorrentes de insegurança e vulnerabilidade emocional. Dessa forma, a aprovação obtida por meio da aparência raramente produz sensação duradoura de satisfação, favorecendo a perpetuação de ciclos de comparação social, autocrítica e sofrimento psicológico.

Assim, a banalização estética contemporânea não pode ser compreendida apenas como fenômeno relacionado à aparência física. Trata-se também de um processo que envolve mecanismos complexos de recompensa, reconhecimento social e regulação emocional. A interação entre validação externa, circuitos dopaminérgicos, comparação social e capital simbólico contribui para a construção de padrões comportamentais que, embora frequentemente percebidos como normais na cultura contemporânea, podem associar-se a importantes repercussões sobre a saúde mental e o bem-estar psicológico dos indivíduos.

## **5 INTERVENÇÕES ESTÉTICAS NA CONTEMPORANEIDADE: ENTRE O CUIDADE, MERCADO**



## E A SAÚDE MENTAL

A crescente popularização das intervenções estéticas representa uma das manifestações mais evidentes das transformações socioculturais discutidas ao longo deste estudo. Procedimentos anteriormente restritos a contextos específicos passaram a integrar amplamente o cotidiano de diferentes grupos populacionais, impulsionados pela expansão das redes sociais, pela valorização da aparência física e pelo desenvolvimento de tecnologias cada vez mais acessíveis.

Sob a perspectiva biomédica, diversas intervenções estéticas constituem recursos legítimos capazes de promover satisfação corporal, melhora da autoestima e bem-estar subjetivo em indivíduos adequadamente selecionados. Entretanto, a rápida expansão desse mercado também evidencia fenômenos relacionados à medicalização da aparência, à naturalização das modificações corporais e à crescente associação entre valor pessoal e adequação estética.

Nesse contexto, procedimentos minimamente invasivos, terapias farmacológicas voltadas ao emagrecimento e técnicas de harmonização facial passaram a ocupar posição central no imaginário contemporâneo acerca da beleza, do envelhecimento e da aceitação social. Tal cenário exige análise crítica que considere não apenas seus benefícios clínicos e estéticos, mas também suas repercussões psicológicas, sociais e psiquiátricas.

Dessa forma, compreender o significado contemporâneo dessas intervenções ultrapassa questões exclusivamente técnicas e envolve a análise dos mecanismos socioculturais que influenciam sua procura, bem como das expectativas subjetivas frequentemente associadas à transformação corporal. Sob essa perspectiva, torna-se fundamental discutir algumas das intervenções estéticas mais difundidas atualmente e suas possíveis interfaces com a saúde mental.

### **5.1 Toxina Botulínica Tipo A (Bocouture) e a Naturalização do Rejuvenescimento**



A utilização da toxina botulínica tipo A representa um dos exemplos mais emblemáticos da transformação contemporânea das intervenções estéticas em práticas amplamente normalizadas e socialmente legitimadas. Inicialmente empregada para o tratamento de condições neuromusculares, a substância passou progressivamente a ocupar posição de destaque na medicina estética, especialmente no manejo de rugas dinâmicas e linhas de expressão associadas à atividade muscular facial.

Segundo Carruthers e Carruthers (1998), a aplicação cosmética da toxina botulínica fundamenta-se em sua capacidade de promover relaxamento muscular temporário por meio da inibição da liberação de acetilcolina nas junções neuromusculares. Tal mecanismo reduz a contração de grupos musculares específicos, favorecendo a suavização de marcas faciais relacionadas à movimentação repetitiva da musculatura.

Sob o ponto de vista técnico, a toxina botulínica consolidou-se como alternativa menos invasiva quando comparada a procedimentos cirúrgicos de rejuvenescimento facial. Sua ampla aceitação relaciona-se à relativa segurança clínica, ao curto período de recuperação e à obtenção de resultados considerados previsíveis em grande parte dos pacientes adequadamente avaliados.

Entretanto, a crescente popularização desse procedimento não pode ser compreendida exclusivamente sob a ótica biomédica. Sua expansão também reflete importantes transformações socioculturais relacionadas à percepção contemporânea do envelhecimento. Em sociedades marcadas pela valorização da juventude, da produtividade e da performance estética, sinais fisiológicos do envelhecimento frequentemente passam a ser percebidos como elementos indesejáveis, passíveis de correção e controle.

Sob essa perspectiva, o envelhecimento deixa gradualmente de ser compreendido como processo biológico natural e passa a ser interpretado como condição potencialmente modificável. Tal fenômeno aproxima-se das discussões propostas por Peter Conrad acerca da medicalização da vida cotidiana, uma vez que



características fisiológicas inerentes ao curso natural da existência passam progressivamente a integrar demandas por intervenções biomédicas.

Paralelamente, a ampla divulgação de resultados estéticos em ambientes digitais contribui para a naturalização dessas intervenções. Fotografias comparativas, relatos de transformação e conteúdos produzidos por influenciadores digitais frequentemente apresentam a aplicação da toxina botulínica como procedimento rotineiro, simples e praticamente indispensável para manutenção da aparência juvenil. Como consequência, observa-se redução progressiva da percepção social acerca da excepcionalidade desses procedimentos.

Sob a ótica psicológica, torna-se igualmente relevante compreender as motivações que levam indivíduos a buscar tais intervenções. Naini e Gill (2008) destacam que pacientes motivados predominantemente por fatores externos, como aprovação social, reconhecimento interpessoal ou necessidade de adequação estética, apresentam maiores índices de insatisfação pós-procedimento quando comparados àqueles cujas expectativas encontram-se fundamentadas em objetivos pessoais realistas e intrínsecos.

Essa observação adquire especial importância diante das discussões apresentadas anteriormente acerca da dependência de validação externa. Em indivíduos emocionalmente vulneráveis, a expectativa de que modificações corporais sejam capazes de resolver conflitos relacionados à autoestima, pertencimento social ou sofrimento emocional pode favorecer frustração e manutenção da insatisfação corporal mesmo após resultados tecnicamente satisfatórios.

Nesse cenário, a toxina botulínica transcende sua condição de recurso terapêutico ou estético e passa a representar importante marcador das relações contemporâneas entre corpo, identidade e reconhecimento social. Sua crescente popularização evidencia não apenas avanços da medicina estética, mas também transformações profundas na maneira como a sociedade contemporânea compreende envelhecimento, beleza e valor pessoal.



## **5.2 Preenchimentos Dérmicos e a Construção da Face Idealizada**

Os preenchimentos dérmicos consolidaram-se, nas últimas décadas, como uma das principais modalidades de intervenção estética minimamente invasiva em âmbito global. Sua crescente popularização relaciona-se não apenas aos avanços técnicos da medicina estética, mas também às transformações socioculturais que elevaram a aparência facial à condição de importante elemento de identidade, reconhecimento social e pertencimento coletivo. Nesse contexto, a face passou a ocupar posição central na construção da imagem pessoal, especialmente em uma sociedade marcada pela intensa circulação de fotografias, vídeos e conteúdos digitais.

Historicamente, a face sempre desempenhou papel fundamental na comunicação humana e na formação das relações interpessoais. Entretanto, a expansão das redes sociais promoveu mudanças significativas na forma como os indivíduos observam, avaliam e interpretam sua própria aparência facial. A exposição contínua a imagens cuidadosamente selecionadas, frequentemente editadas por filtros e recursos digitais, favoreceu a consolidação de padrões estéticos cada vez mais homogêneos, caracterizados por traços faciais específicos associados à juventude, simetria e proporcionalidade.

Nesse cenário, os preenchimentos dérmicos passaram a ser amplamente utilizados como instrumentos de aproximação desses referenciais idealizados. Segundo Urdiales-Gálvez et al., o aumento expressivo da procura por tais procedimentos acompanha a crescente valorização da harmonização facial e das modificações minimamente invasivas voltadas à correção de características percebidas como inadequadas. Consequentemente, a face deixa de ser compreendida apenas como expressão singular da identidade individual e passa a constituir objeto permanente de avaliação e aperfeiçoamento estético.

Sob a perspectiva da Teoria da Objetificação, desenvolvida por Fredrickson e Roberts, esse fenômeno pode ser interpretado como resultado da internalização de padrões externos de avaliação corporal. Nesse processo, o indivíduo passa a observar a



própria aparência a partir de critérios socialmente estabelecidos, adotando postura de monitoramento contínuo da imagem facial. Como consequência, pequenas assimetrias, características anatômicas naturais ou sinais discretos de envelhecimento podem ser percebidos como defeitos relevantes, capazes de justificar intervenções repetidas e sucessivas modificações estéticas.

Paralelamente, a Teoria da Comparação Social de Festinger contribui para compreender a crescente insatisfação observada mesmo entre indivíduos submetidos a procedimentos tecnicamente bem-sucedidos. Em ambientes digitais, a comparação constante com celebridades, influenciadores e figuras públicas favorece a construção de expectativas frequentemente incompatíveis com as características biológicas individuais. Dessa forma, a satisfação obtida por meio de uma intervenção tende a ser limitada, uma vez que novos parâmetros de comparação tornam-se continuamente disponíveis.

Sob a ótica sociológica, Pierre Bourdieu oferece importante contribuição para a análise desse fenômeno ao compreender o corpo como forma de capital simbólico. Nessa perspectiva, determinadas características físicas passam a representar recursos capazes de influenciar reconhecimento social, aceitação coletiva e posicionamento em diferentes espaços sociais. A harmonização facial e os preenchimentos dérmicos podem, portanto, ser interpretados não apenas como procedimentos estéticos, mas também como estratégias de aquisição e manutenção desse capital simbólico em uma sociedade fortemente orientada pela imagem.

De maneira complementar, Bauman descreve a modernidade contemporânea como contexto caracterizado pela fluidez das identidades e pela constante necessidade de adaptação aos referenciais sociais vigentes. Nesse cenário, a aparência facial assume relevância particular por representar uma das formas mais imediatas de comunicação visual e reconhecimento interpessoal. Consequentemente, a pressão pela manutenção de determinados padrões faciais torna-se cada vez mais intensa, favorecendo processos contínuos de modificação corporal e aperfeiçoamento estético.



Do ponto de vista clínico, a expansão dos preenchimentos dérmicos também demanda reflexão acerca das expectativas apresentadas pelos pacientes. Conforme destacam Naini e Gill (2008), indivíduos motivados predominantemente por fatores externos, como aceitação social, validação interpessoal ou ascensão profissional, apresentam maior risco de insatisfação pós-procedimento. Isso ocorre porque a origem do sofrimento frequentemente encontra-se menos relacionada às características físicas propriamente ditas e mais associada a conflitos emocionais, inseguranças pessoais ou dificuldades relacionadas à autoimagem.

Essa observação adquire relevância ainda maior quando considerada a elevada prevalência de sintomas relacionados à insatisfação corporal, ansiedade estética e Transtorno Dismórfico Corporal entre indivíduos que buscam intervenções cosméticas repetitivas. Em tais situações, a realização de novos procedimentos raramente promove resolução definitiva do sofrimento subjetivo, podendo inclusive contribuir para a perpetuação de ciclos de insatisfação e dependência de modificações corporais sucessivas.

Além disso, a banalização dos preenchimentos dérmicos frequentemente reduz a percepção pública acerca de seus potenciais riscos e limitações. A ampla divulgação de resultados imediatos e transformações visuais expressivas pode favorecer expectativas irreais sobre os efeitos dessas intervenções, reforçando a crença de que modificações faciais são capazes de promover mudanças significativas na autoestima, nas relações interpessoais e na qualidade de vida. Embora benefícios subjetivos possam ocorrer em muitos casos, a literatura demonstra que tais resultados dependem de múltiplos fatores psicológicos e contextuais que ultrapassam a dimensão puramente estética.

Dessa forma, os preenchimentos dérmicos representam importante exemplo das complexas relações entre corpo, identidade e saúde mental na contemporaneidade. Sua popularização evidencia não apenas avanços técnicos da medicina estética, mas também a crescente centralidade da aparência facial na construção do valor pessoal, do reconhecimento social e do pertencimento coletivo. Sob essa perspectiva, compreender os determinantes psicológicos e socioculturais envolvidos na procura por essas



intervenções torna-se fundamental para a análise crítica das consequências psicopatológicas associadas à banalização estética.

### **5.3 O Uso de Agonistas GLP-1/GIP-GLP-1 (Semaglutida e Tirzepatida): Entre o Tratamento da Obesidade e a Estetização do Emagrecimento**

A obesidade constitui um dos maiores desafios de saúde pública da contemporaneidade, sendo atualmente reconhecida como uma doença crônica, multifatorial, progressiva e recorrente. Associada ao aumento do risco cardiovascular, diabetes mellitus tipo 2, doenças osteoarticulares, neoplasias e redução da qualidade de vida, sua prevalência vem crescendo de forma expressiva nas últimas décadas. Diante desse cenário, o desenvolvimento de novas abordagens terapêuticas tornou-se prioridade para a comunidade científica internacional.

Nesse contexto, os agonistas do receptor do Peptídeo Semelhante ao Glucagon-1 (GLP-1) e as terapias combinadas GIP/GLP-1 emergiram como um dos avanços farmacológicos mais significativos no tratamento da obesidade. Medicamentos como a semaglutida e a tirzepatida demonstraram eficácia substancial na redução ponderal, promovendo perda de peso superior à observada com diversas terapias previamente disponíveis. Reconhecendo a relevância dessas intervenções, a Organização Mundial da Saúde (OMS) publicou, em 2025, sua primeira diretriz voltada especificamente à utilização de agonistas GLP-1 no tratamento da obesidade, consolidando seu papel como importante recurso terapêutico no enfrentamento dessa condição crônica.

Sob a perspectiva fisiológica, esses fármacos atuam em mecanismos relacionados à saciedade, ao esvaziamento gástrico, ao controle glicêmico e à regulação do comportamento alimentar. Entretanto, pesquisas recentes sugerem que seus efeitos ultrapassam o metabolismo energético e alcançam sistemas neurobiológicos relacionados à recompensa, motivação e tomada de decisão. Segundo Krug et al. (2025), os agonistas GLP-1 podem influenciar circuitos cerebrais envolvidos na regulação



emocional, no comportamento alimentar e nos mecanismos de recompensa, ampliando o interesse da psiquiatria acerca de suas repercussões psicológicas e comportamentais.

Todavia, paralelamente à sua consolidação enquanto ferramenta terapêutica legítima, observa-se um fenômeno sociocultural de crescente relevância: a transformação dessas medicações em instrumentos de adequação estética. Popularmente conhecidas como “canetas emagrecedoras”, substâncias originalmente desenvolvidas para tratamento de condições clínicas específicas passaram a ser amplamente divulgadas nas redes sociais como recursos destinados à obtenção rápida de corpos magros e socialmente valorizados.

Sob essa perspectiva, a discussão deixa de restringir-se à farmacologia da obesidade e passa a envolver processos mais amplos relacionados à medicalização da aparência. Conforme proposto por Peter Conrad, a medicalização ocorre quando aspectos anteriormente compreendidos em dimensões sociais, culturais ou subjetivas passam a ser redefinidos como questões passíveis de intervenção biomédica. No caso dos agonistas GLP-1, observa-se fenômeno particularmente complexo: enquanto a obesidade é efetivamente uma condição médica que exige tratamento adequado, a crescente utilização dessas terapias por indivíduos sem indicação clínica formal evidencia a transformação do emagrecimento em objetivo predominantemente estético.

Essa dinâmica encontra terreno fértil em uma sociedade historicamente marcada pela valorização da magreza. Durante décadas, padrões corporais socialmente legitimados associaram corpos magros a conceitos como sucesso, disciplina, autocontrole, atratividade e aceitação social. Em contrapartida, indivíduos com excesso de peso frequentemente foram submetidos a processos de estigmatização, discriminação e exclusão simbólica. Conseqüentemente, a redução ponderal passou a representar não apenas benefício clínico, mas também importante mecanismo de obtenção de reconhecimento social e pertencimento coletivo.

A Teoria da Comparação Social, proposta por Festinger, contribui significativamente para compreender esse fenômeno. Em ambientes digitais, indivíduos



encontram-se constantemente expostos a imagens que associam magreza, felicidade, realização pessoal e sucesso interpessoal. A repetição contínua dessas representações favorece a internalização de ideais corporais frequentemente inalcançáveis, ampliando sentimentos de inadequação corporal e incentivando a busca por intervenções capazes de reduzir a distância percebida entre o corpo real e o corpo idealizado.

Além disso, a Teoria da Objetificação de Fredrickson e Roberts permite compreender como a valorização excessiva da aparência física favorece estados persistentes de monitoramento corporal. Nesse contexto, peso, composição corporal e medidas antropométricas passam a assumir importância desproporcional na construção da autoestima e do autoconceito. Conseqüentemente, a perda ponderal deixa de representar apenas um objetivo relacionado à saúde e passa a constituir importante fonte de validação social.

Essa discussão torna-se particularmente relevante quando analisada à luz dos transtornos alimentares e do Transtorno Dismórfico Corporal. Em indivíduos emocionalmente vulneráveis, a ampla divulgação das terapias agonistas GLP-1 pode reforçar crenças disfuncionais relacionadas à aparência física, à necessidade de magreza e à percepção do próprio corpo. Em tais circunstâncias, o emagrecimento pode ser interpretado como solução para conflitos emocionais, dificuldades interpessoais e sentimentos de inadequação que possuem origem muito mais complexa do que a simples composição corporal.

A psiquiatra Anna Lembke oferece contribuição importante para essa análise ao descrever a lógica contemporânea da busca incessante por soluções rápidas para o sofrimento humano. Em uma sociedade caracterizada pela procura constante de recompensas imediatas, intervenções capazes de produzir transformações corporais expressivas em períodos relativamente curtos tornam-se particularmente atrativas. Entretanto, conforme discutido pela autora, a satisfação obtida por meio dessas mudanças frequentemente apresenta caráter transitório, não sendo capaz de resolver conflitos relacionados à autoestima, identidade ou pertencimento social.



Sob a ótica da psiquiatria social, torna-se evidente que a crescente procura por agonistas GLP-1 não pode ser compreendida exclusivamente a partir de suas propriedades farmacológicas. Trata-se também de um fenômeno cultural, econômico e simbólico, profundamente influenciado pelos padrões estéticos contemporâneos. Conforme argumenta Bourdieu, o corpo constitui importante forma de capital simbólico, capaz de influenciar oportunidades sociais, reconhecimento interpessoal e processos de distinção. Assim, o emagrecimento adquire significado que ultrapassa benefícios clínicos, passando a representar mecanismo de valorização social e construção identitária.

Não se trata, portanto, de questionar a relevância terapêutica dessas medicações, cuja eficácia encontra-se amplamente documentada pela literatura científica contemporânea. Pelo contrário, os agonistas GLP-1 representam uma das maiores conquistas recentes no tratamento da obesidade. O desafio reside em compreender como ferramentas médicas legítimas podem ser progressivamente incorporadas a dinâmicas socioculturais relacionadas à pressão estética, à medicalização da aparência e à busca por validação social.

Dessa forma, os agonistas GLP-1/GIP-GLP-1 constituem exemplo paradigmático das complexas relações entre saúde, corpo, mercado e subjetividade na contemporaneidade. Sua ascensão evidencia não apenas avanços científicos extraordinários, mas também transformações profundas na maneira como a sociedade compreende peso corporal, beleza, autoestima e pertencimento social. Consequentemente, qualquer análise crítica acerca da banalização estética contemporânea exige a inclusão desse fenômeno como um de seus principais eixos de discussão.

## **6 IMPLICAÇÕES ÉTICAS, CLÍNICAS E PSIQUIÁTRICAS DA BANALIZAÇÃO ESTÉTICA**



A crescente expansão das intervenções estéticas contemporâneas impõe desafios que ultrapassam os limites da técnica médica e alcançam importantes dimensões éticas, psicológicas e sociais. Embora procedimentos estéticos possam promover benefícios relacionados à autoestima, satisfação corporal e qualidade de vida em indivíduos adequadamente selecionados, sua banalização progressiva exige reflexão crítica acerca dos impactos que a valorização excessiva da aparência física pode exercer sobre a saúde mental individual e coletiva.

Nesse contexto, torna-se fundamental reconhecer que a procura por intervenções estéticas nem sempre está relacionada exclusivamente a objetivos cosméticos. Em muitos casos, a demanda por modificações corporais pode representar manifestação indireta de sofrimento psíquico, fragilidade da autoestima, dificuldades interpessoais ou conflitos relacionados à construção da identidade. Conseqüentemente, limitar a avaliação do paciente aos aspectos anatômicos ou técnicos do procedimento pode resultar na negligência de fatores emocionais potencialmente relevantes para o prognóstico e para a satisfação pós-intervenção.

Sob essa perspectiva, destaca-se a importância da avaliação biopsicossocial prévia à realização de procedimentos estéticos. O modelo biopsicossocial proposto por George Engel oferece importante referencial para compreender que saúde e doença resultam da interação dinâmica entre fatores biológicos, psicológicos e sociais. Aplicado ao contexto da medicina estética, esse modelo permite reconhecer que a percepção corporal, as expectativas relacionadas ao procedimento e os resultados subjetivos obtidos dependem não apenas das características físicas do indivíduo, mas também de sua história pessoal, contexto sociocultural e funcionamento emocional.

Particular atenção deve ser direcionada à identificação de condições psiquiátricas associadas à percepção corporal. O Transtorno Dismórfico Corporal representa exemplo emblemático dessa necessidade. Estudos demonstram que indivíduos acometidos por essa condição frequentemente procuram intervenções estéticas na expectativa de corrigir defeitos percebidos em sua aparência. Entretanto, como a origem do sofrimento encontra-se predominantemente relacionada à distorção cognitiva da imagem corporal, a realização de procedimentos cosméticos raramente



promove melhora duradoura dos sintomas. Em muitos casos, observa-se persistência da insatisfação, deslocamento da preocupação para outras regiões anatômicas ou intensificação do sofrimento psicológico.

Nesse sentido, a literatura contemporânea enfatiza a importância do rastreamento sistemático de sinais sugestivos de Transtorno Dismórfico Corporal antes da realização de intervenções estéticas. Indicadores como preocupação excessiva com defeitos mínimos, histórico de múltiplos procedimentos sem satisfação persistente, isolamento social motivado pela aparência, monitoramento corporal compulsivo e expectativas irreais devem ser considerados sinais de alerta para encaminhamento especializado em saúde mental.

Além do TDC, outros transtornos psiquiátricos podem influenciar significativamente a relação do indivíduo com sua aparência física. Quadros depressivos, transtornos ansiosos, transtornos alimentares e condições relacionadas à baixa autoestima frequentemente coexistem com a busca por procedimentos estéticos. Nessas situações, a modificação corporal pode ser percebida como estratégia para resolução de conflitos emocionais mais profundos, produzindo expectativas incompatíveis com as possibilidades reais da intervenção proposta.

Sob a ótica ética, emerge discussão igualmente relevante acerca dos limites da medicina estética contemporânea. O princípio da beneficência exige que profissionais de saúde atuem buscando o melhor interesse do paciente, enquanto o princípio da não maleficência impõe a responsabilidade de evitar danos físicos e psicológicos. Dessa forma, a simples possibilidade técnica de realizar determinado procedimento não implica, necessariamente, sua indicação ética. Quando expectativas encontram-se claramente distorcidas ou quando a motivação principal relaciona-se a sofrimento psicológico significativo, a recusa fundamentada da intervenção pode representar conduta mais adequada do que sua execução.

Essa discussão torna-se ainda mais complexa diante da crescente influência exercida pelas redes sociais na construção das expectativas estéticas contemporâneas. Influenciadores digitais, celebridades e criadores de conteúdo frequentemente



apresentam procedimentos estéticos como soluções rápidas para problemas relacionados à autoestima, felicidade e sucesso interpessoal. Tal narrativa simplificada tende a minimizar riscos, limitações e fatores psicológicos envolvidos, favorecendo expectativas irreais acerca dos resultados obtidos por meio das modificações corporais.

Sob a perspectiva da psiquiatria social, esse fenômeno evidencia a necessidade de ampliar a compreensão do sofrimento relacionado à aparência física para além da esfera individual. Conforme discutido ao longo deste estudo, a construção da autoimagem ocorre em permanente interação com fatores culturais, econômicos e sociais. Assim, estratégias voltadas exclusivamente ao tratamento individual mostram-se insuficientes para enfrentar fenômenos que possuem determinantes amplamente compartilhados no tecido social contemporâneo.

Nesse cenário, torna-se fundamental promover ações de educação midiática capazes de estimular a interpretação crítica dos conteúdos relacionados à aparência corporal. A compreensão de que imagens digitais frequentemente passam por processos de edição, seleção e manipulação constitui elemento importante para reduzir os impactos negativos da comparação social e da internalização de padrões estéticos inalcançáveis. Paralelamente, iniciativas voltadas à valorização da diversidade corporal podem contribuir para a construção de referenciais mais amplos e inclusivos de beleza e pertencimento social.

Adicionalmente, a promoção de formas saudáveis de autoestima representa importante estratégia preventiva diante das consequências psicopatológicas associadas à banalização estética. Conforme proposto por Nathaniel Branden, a autoestima sólida fundamenta-se em processos relacionados à autoaceitação, autorresponsabilidade, consciência de si e coerência entre valores pessoais e comportamento. Sob essa perspectiva, a construção do valor individual não depende exclusivamente da aparência física ou da aprovação externa, mas da capacidade do sujeito de reconhecer suas potencialidades e limitações de maneira integrada e realista.

Por fim, torna-se evidente que os desafios impostos pela banalização estética exigem atuação interdisciplinar envolvendo médicos, psiquiatras, psicólogos, educadores,



pesquisadores e formuladores de políticas públicas. A crescente medicalização da aparência, associada à expansão das redes sociais e à valorização excessiva da imagem corporal, configura fenômeno complexo que demanda respostas igualmente abrangentes. Assim, compreender as interfaces entre estética, subjetividade e saúde mental representa etapa fundamental para a construção de práticas clínicas mais éticas, seguras e comprometidas com o bem-estar integral dos indivíduos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A banalização das intervenções estéticas configura-se como um fenômeno multifatorial que transcende os limites da medicina estética e se insere em um contexto mais amplo de transformações socioculturais, marcado pela centralidade da imagem, pela expansão das redes sociais digitais e pela crescente medicalização da aparência. As evidências analisadas ao longo deste estudo demonstram que a busca pela adequação aos padrões estéticos contemporâneos não pode ser compreendida exclusivamente como uma escolha individual, uma vez que está profundamente influenciada por mecanismos de comparação social, validação externa e construção identitária mediados por fatores culturais, econômicos e tecnológicos.

Nesse cenário, observou-se que a intensificação da exposição a modelos corporais idealizados pode contribuir para o desenvolvimento de insatisfação corporal, fragilidade da autoestima e diferentes formas de sofrimento psíquico, incluindo manifestações clínicas relevantes, como o Transtorno Dismórfico Corporal. Embora os avanços da medicina estética e das terapias voltadas à modificação corporal representem importantes recursos para a promoção do bem-estar e da qualidade de vida quando adequadamente indicados, sua utilização deve ser acompanhada de avaliação crítica das motivações, expectativas e vulnerabilidades emocionais dos indivíduos.

Dessa forma, torna-se fundamental que profissionais da saúde adotem abordagens interdisciplinares capazes de integrar aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais envolvidos na construção da autoimagem. Além disso, o fortalecimento de estratégias de educação em saúde, promoção da autoestima saudável e



desenvolvimento do pensamento crítico frente aos conteúdos difundidos no ambiente digital apresenta-se como importante ferramenta para prevenção de agravos relacionados à saúde mental.

Conclui-se, portanto, que a compreensão das interfaces entre estética, identidade e sofrimento psíquico constitui desafio crescente para as ciências da saúde na contemporaneidade. A construção de práticas assistenciais éticas, humanizadas e centradas na pessoa mostra-se indispensável para que os benefícios proporcionados pelos avanços estéticos possam coexistir com a preservação da saúde mental, da autonomia subjetiva e da dignidade humana.



## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders: DSM-5-TR*. Washington: APA Publishing, 2022.

ATEQ, K.; ALHAJJI, M.; ALHUSSEINI, N. The association between use of social media and the development of body dysmorphic disorder and attitudes toward cosmetic surgeries: a national survey. *Frontiers in Public Health*, v. 12, 2024.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

CARRUTHERS, A. *Botulinum toxin type A: history and current cosmetic use in the upper face*. *Disease-a-Month*, v. 48, n. 5, p. 299–322, 2002.

CARRUTHERS, A.; CARRUTHERS, J. Clinical indications and injection technique for the cosmetic use of botulinum A exotoxin. *Dermatologic Surgery*, v. 24, n. 11, p. 1189–1194, 1998.

COLES, Meredith E. et al. Body dysmorphic disorder and social phobia. *Depression and Anxiety*, v. 23, n. 1, p. 26–33, 2006.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.



GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975.

GUNSTAD, John; PHILLIPS, Katharine A. Axis I comorbidity in body dysmorphic disorder. *Comprehensive Psychiatry*, v. 44, n. 4, p. 270–276, 2003.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015.

HEATHERTON, Todd F.; WYLAND, Carrie L. Assessing self-esteem. In: LEARY, M. R.; TANGNEY, J. P. (eds.). *Handbook of Self and Identity*. New York: Guilford Press, 2003.

HUTZ, Claudio Simon; ZANON, Cristian. Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg. *Avaliação Psicológica*, v. 10, n. 1, p. 41–49, 2011.

KRUG, I. et al. Além da perda de peso: uso de GLP-1 e regulação do apetite no contexto de transtornos alimentares e processos psicossociais. *Nutrients*, v. 17, 2025.

LEMBKE, Anna. *Nação dopamina: por que o excesso de prazer está nos deixando infelizes e o que fazer para mudar*. Rio de Janeiro: Vestígio, 2022.

LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MANN, M. et al. Self-esteem in a broad-spectrum approach for mental health promotion. *Health Education Research*, v. 19, n. 4, p. 357–372, 2004.

PÉREZ-BUENFIL, A.; MORALES-SÁNCHEZ, A. Prevalence of Body Dysmorphic Disorder: A Systematic Review and Meta-Analysis. *Journal of Cosmetic Dermatology*, v. 24, n. 4, 2025.

PHILLIPS, Katharine A. *The broken mirror: understanding and treating body dysmorphic disorder*. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2005.

PROCEDIMENTOS estéticos invasivos e não invasivos: riscos e benefícios. *Research, Society and Development*, v. 12, n. 5, 2023.



RAJANALA, Sravya; MAYMONE, Mayra B. C.; VASHI, Neelam A. Selfies — living in the era of filtered photographs. *JAMA Facial Plastic Surgery*, v. 20, n. 6, p. 443–444, 2018.

RUFFOLO, Joseph S. et al. Comorbidity of body dysmorphic disorder and eating disorders. *International Journal of Eating Disorders*, v. 39, n. 1, p. 11–19, 2006.

SILVA, Galtiere Cavalcante da; CIBILS, Mirtha Maria de los Angeles Insfran. A construção social e histórica do conceito de beleza corporal. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 12, n. 1, 2026.

THOMPSON, J. K. et al. Sociocultural theory: the media and body image. In: *Exacting Beauty*. Washington: APA, 1999.

URDIALES-GÁLVEZ, F. et al. Treatment of soft tissue filler complications: expert consensus recommendations. *Aesthetic Plastic Surgery*, v. 42, n. 2, p. 498–510, 2018.

VEALE, David. Body dysmorphic disorder. *Postgraduate Medical Journal*, v. 80, n. 940, p. 67–71, 2004.

VEALE, David; NEZIROGLU, Fugen. *Body dysmorphic disorder: a treatment manual*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2010.

VEDAMURTHY, M.; VEDAMURTHY, A.; NISCHAL, K. Dermal fillers: do's and don'ts. *Journal of Cutaneous and Aesthetic Surgery*, v. 3, n. 1, p. 11–15, 2010.

WU, W. T. et al. Consensus on current injectable treatment strategies in the Asian face. *Aesthetic Plastic Surgery*, v. 40, n. 2, p. 202–214, 2016.